

# CONSTRUÇÕES DE CONTRASTE NOS JORNAIS DE NATAL AS RELAÇÕES ANTONÍMICAS

Paulo Henrique Duque (UFRN)  
[ph.duque@uol.com.br](mailto:ph.duque@uol.com.br)

## 1. Introdução

A antonímia<sup>1</sup> tem sido classificada tradicionalmente como uma relação paradigmática, cujos termos formam pares contrastivos dentro de um determinado campo semântico. Nessa perspectiva, a antonímia está relacionada a outros paradigmas semântico-lexicais, tais como a sinonímia e a hiponímia, conforme os exemplos (01), (02) e (03).

(01) *Paradigma antonímico*: Meu pai é\_\_\_\_\_. {novo; idoso}

(02) *Paradigma sinonímico*: Quando acontecem naturalmente, nossas relações são meios de\_\_\_\_\_. {alegria; satisfação; felicidade}

(03) *Paradigma hiponímico*: Há um tribunal eminentemente nordestino, com jurisdição no(s) \_\_\_\_\_. {estados da região; Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe}

A classificação desses pares, em termos de relações paradigmáticas, implica em não esperarmos que os membros do paradigma necessariamente coocorram nas mesmas construções gramaticais. Em (01), (02) e (03), por exemplo, é como se optássemos obrigatoriamente por um ou outro item.

Observe, o exemplo a seguir:

(04) Tem pai que é *novo*, tem pai que é *idoso*; tem pai que é *esperto*, tem pai que é *limitado*; tem pai que é *vencedor*, tem pai que se sente *derrotado*; tem pai que *ama* seus filhos, tem pai que *nem queria* que eles tivessem nascido; enfim, tem pai de todo jeito, *rico, pobre, amigo, distan-*

---

<sup>1</sup> Ressalte-se que o termo “antonímia” está sendo usado aqui, no sentido amplo do termo, referindo-se a “uma relação de *contrário* aplicável apenas ao domínio lexical e definida por oposição à relação, mais antiga, de sinonímia” (TAMBA-MECZ, 2006, p. 119). Essa perspectiva está em contraste com um sentido mais estrito, de “contraste graduável”, usado por autores como Lyons (1977) e Cruse (1986).

*te; religioso, cristão, evangélico ou ateu.* (Correio da Tarde, em 11/08/2009).

Exemplos, como o (4), apresentam motivos para acreditarmos que pares de antônimos não estabelecem relações apenas no plano paradigmático. Parece, nesse caso, haver uma relação sintagmática, em que os pares de antônimos parecem constituir um tipo particular de construção. Em posse de evidências semelhantes à apresentada em (04), Murphy (2006, p. 2) desenvolve três observações gerais sobre as relações antonímicas:

1ª – Os estudos de *corpus* realizados por pesquisadores como Justeson & Katz (1991), Mettinger (1994) e Willners (2001) já haviam demonstrado que membros de pares antonímicos tendem a coocorrer numa mesma construção gramatical;

2ª – Os pares de antônimos tendem a ocorrer em *construções de contraste* específicas (FELLBAUM, 1995; JONES, 2002) e;

3ª – Ao contrário de outras relações paradigmáticas, as relações envolvendo antônimos são semânticas e lexicais ao mesmo tempo (GROSS et al, 1989; MURPHY 2003b), isto é, o emparelhamento de palavras é baseado não apenas no significado, mas também na associação de itens lexicais específicos. Isso sugere que os pares antonímicos canônicos são criados mediante à recorrência dessas formas e acabam sendo estocados como conhecimento lexical.

De acordo com Murphy (2006), o mecanismo de representação tradicional das relações antonímicas não captura propriedades sintagmáticas, uma vez que, para dar conta da natureza lexical dos antônimos, a relação é especificada nas entradas lexicais das duas palavras. Nesse contexto, a *Gramática de Construções* parece oferecer um meio para tratar pares de antônimos como construções linguísticas, fornecendo uma abordagem que dê conta também da realização sintagmática da antonímia.

## 2. A gramática de construções

Acreditamos que a *Gramática de Construções* disponha de um quadro conceptual adequado ao tratamento de *pares* de antônimos enquanto entradas lexicais de estruturas sintáticas e discursivas. Das várias distinções entre gramáticas baseadas em construções e

outras teorias sintáticas correntes, duas são particularmente relevantes para este artigo:

1) a *Gramática de Construções* não prioriza a noção de constituição sintática. Construções podem envolver um ou vários constituintes. Apesar disso, pode abordar estruturas de várias dimensões, morfológicas, lexicais, sintáticas ou discursivas.

2) a *Gramática de Construções* postula que a unidade básica da análise linguística é a *construção*, par de *forma/significado* cujos aspectos não são predicáveis das suas partes componentes (GOLDBERG, 1995, p. 4).

Esses dois princípios são importantes para a nossa discussão pelas seguintes razões:

a) em vez da existência de uma oposição entre estrutura gramatical e item lexical, há uma gradação;

b) as estruturas gramaticais (assim como os itens lexicais) são consideradas pares *forma/significado*, daí a possibilidade de as estruturas gramaticais serem polissêmicas (GOLDBERG, 1995, p. 31-39);

c) convenções de uso de formas lexicais particulares juntas podem ser representadas diretamente na construção.

### 3. *Construções em que os antônimos ocorrem*

Os antônimos frequentemente ocorrem em contextos frasais específicos, que constituem *construções*, uma vez que formam pares de *forma/significado*. Destacamos, aqui, alguns dos contextos identificados por Jones (*apud* MURPHY, 2006, p. 5), em sua investigação sobre antônimos. Em especial, selecionamos antônimos coordenados, como os dos exemplos (04), (05) e (06), respectivamente.

(04) De acordo com o presidente da CNDL, houve melhora tanto da *quantidade* quanto da *qualidade* de venda, com aumento do ticket médio da ordem de 18% na comparação com o mesmo período do ano passado (*Tribuna do Norte*, em 12/08/2010).

(05) Cumpre asseverar que a legislação citada é aplicável a todos e qualquer cidadão, já que ninguém está acima do *bem* ou *mal*. Ninguém está acima da lei (*Diário do Norte*, em 09/09/2007).

(06) É assim que a candidata à Presidência da República, Marina Silva (PV), prefere ser conhecida. Nem "de direita", nem "de esquerda".

A presidenciável está em Natal hoje cumprindo agenda política (*Jornal de Hoje*, em 30/07/2010).

A partir da proposta de Jones, identificamos nos quatro jornais de maior circulação em Natal (*Tribuna do Norte*, *Diário de Natal*, *Jornal de Hoje* e *Correio da Tarde*), trechos envolvendo antônimos coordenados. Tais pares de antônimos ocorrem nos *frames* sintáticos descritos a seguir:

- a) X e Y
- b) tanto X quanto (como) Y
- c) X ou Y
- d) Nem X nem Y

Alguns desses *frames* são particularmente associados a um tipo de contraste binário. Apesar de os pares de antônimos canônicos ocorrerem nesses *frames* sintáticos, outras palavras podem preencher os *slots* X e Y e, nesses casos, passam a ser consideradas como pares opositivos. Ao termo *verde*, por exemplo, não é apresentada necessariamente uma oposição convencional, como podemos constatar nos exemplos de (06) a (13), parte do resultado levantado pelo mecanismo *google*, ao procurar por “*quanto/como (o) verde(s)*”. Esses exemplos ilustram a natureza contrastiva da construção “*tanto X quanto Y*”.

(06) PCP, Bloco e Verdes deixam críticas às opções do Governo A avaliar pelas críticas que têm sido feitas ao Orçamento de Estado para 2010, tanto o PCP *como os Verdes* e o Bloco de Esquerda deverão votar contra. (<http://www.espbr.com/noticias>, em 25/01/2010).

(07) Esses rastos corais na parte egípcia do Mar Vermelho atraem tanto os experientes *quanto os verdes* no assunto. Os golfinhos, polvos, peixes palhaços e peixes leões, um dos mais venenosos do mundo, são apenas alguns dos ilustres habitantes da área (<http://blog.multitrip.com.br/>, em 16/12/2009)

(08) Para consumo ao natural, os frutos são colhidos maduros ou principalmente de vez (meio maduro), porque o processo de maturação continua mesmo depois de colhidos. Para a industrialização, tanto maduros *quanto verdes* podem ser usados, mas depende da finalidade. Podem ser usados no preparo de compotas, polpa, geléias, figo cristalizado, figo desidratado e passa de figo (<http://globoruraltv.globo.com>, em ABC do Globo Rural).

(09) A maioria de meus amigos negros são pessoas de inteligência extrema, e tenho amigos tanto brancos, *quanto verdes* e cor-de-rosa que não estão numa posição melhor na vida porque não correram atrás, ou porque não tiveram a iniciativa, ou porque não foram estimuladas (<http://portosplace.blogspot.com>, em 01/06/2009).

(10) Para a composição da sala utilizamos vários painéis de madeira para dar a sensação de corredores para o percurso a ser explorado, com muitas folhas no chão, tanto secas *quanto verdes*, no segundo dia também colocamos um pouco de pó de serra, nas mesas dispostas no lado direito vários objetos tanto de arte como do nosso dia a dia foram colocados para o público tatear no escuro, ao terminar o trajeto fizemos uma tenda aconchegante com tapete almofadas e pufes para que os participantes assistissem a um breve vídeo de conscientização e reflexão tanto dos sentidos quanto referente ao aquecimento global tudo baseado principalmente no tema Arte e Consciência frente ao aquecimento global, sem esquecer-se da obra coletiva feita pelos integrantes que foi colocada como auxílio, devido à composição de materiais. A obra com dito acima é uma produção em grupo, se trata da seqüência de diversas idéias, ou seja, uma obra que carrega um só conceito estruturado por vários participantes (<http://www.blogger.com/feeds>, em 06/07/2009).

(11) O consumo do chá deve ser diário, cerca de um litro. Em excesso, tanto o preto *quanto o verde* pode provocar insônia, excitabilidade e distúrbios gastrointestinais (<http://vivamelhoronline.wordpress.com>, em 26/07/2010).

(12) A previsão é de que dentro de quatro meses o vale-transporte de papel deixe de ser utilizado na cidade. Tanto o cartão azul *quanto o verde* são fornecidos gratuitamente pelo Sindpass. No entanto, em caso de perda, o usuário terá que pagar dez vezes o valor da tarifa municipal de sua cidade para receber outro (<http://focoregional.com.br>, de 11 a 17/05/2010).

(13) O louva-a-deus prateado não é tão comum *quanto o verde*, mas não perde em agressividade, sendo um grande predador. Foto feita em Dom Eliseu – Pará – Brasil (<http://emirbemerguy.fotosblogue.com>, em 30/08/2007).

Alguns desses exemplos envolvem oposições que são convencionais no que diz respeito a sentidos específicos de *verde(s)*, ao passo que, em outros, a oposição semântica se dá pelo contexto. Podemos verificar esse último tipo de oposição pela variedade de itens lexicais que contrastam com o sentido “inexperientes” de *verdes* em (07) ou com o sentido de “cores” em (09, 11-13). Nesses casos, *verde(s)* está compõe um contraste binário com o sentido de sua contraparte coordenada, embora não seja convencionalmente associado com o termo realizado dentro do sintagma. Compare, por exemplo,

(07) e (08), em que *verde* é usado para descrever itens semelhantes (*experiência profissional e frutos*, respectivamente).

Nem todos os *frames* para os antônimos coordenados, apresentados acima, conduzem a uma interpretação contrastiva do *X* e *Y*. Por exemplo, o frame “*X e Y*” pode representar uma relação contrastiva, mas não necessariamente, uma vez que, em outros contextos, “*e*” pode estar relacionando uma simples coocorrência, uma sequência temporal ou uma relação causa/consequência. O seu significado contrastivo é evidente em casos onde os itens relacionados são sintagmas nominais. Em (14) e (15), verificamos que tal construção conjuga sintagmas nominais por meio da relação de sinonímia ou hiponímia. Por outro lado, (16) é perfeitamente natural, uma vez que o segundo termo, *outros animais*, não inclui o primeiro, *gatos*, mas estabelece com este, uma relação de contraste.

(14) # Nós vimos um monte de *gatos domésticos* e *bichanos*. (sinônimos)

(15) # Nós vimos um monte de *gatos* e *animais* (hipônimo, hiperônimo)

(16) Nós vimos um monte de *gatos* e *outros animais*. (co-hipônimos: relações de contraste).

Dessa forma, nos casos da antonímia coordenada, podemos afirmar que: (a) antônimos tendem a coocorrer em *frames* léxico-sintáticos específicos e; (b) os *frames*, por si só, requerem ou enfatizam o contraste entre os elementos *X* e *Y*. No entanto, a leitura contrastiva pode ser facilitada pelo nosso conhecimento semântico acerca do emprego dos *pares de palavras*. Nesse sentido, o simples fato de esses *frames sintáticos* serem associados a contribuições semântico-discursivas específicas indica que deveriam ser tratados como *construções contrastivas*.

Além da antonímia coordenada, identificamos, nos vários tipos de discurso identificados nos jornais de Natal, a *antonímia negada*, a *antonímia transicional* e a *antonímia comparativa*. A antonímia negada justapõe a asserção de *X* e a negação de *Y* de forma a reforçar seu contraste e então enfatizar a asserção de *X*. Esse tipo de antonímia é frequentemente efetuado por meio de *construções* como:

a) *X*, não *Y*

- b) não Y, mas X
- c) X em vez de Y
- d) X ao contrário de Y

Por meio da *antonímia comparativa*, realizamos um cotejo entre termos. O *frame* comparativo *mais X que Y*, em especial, tem as marcas de uma construção. Primeiramente, porque ele é formalmente marcado em termos da morfologia comparativa utilizada, como em (17).

(17)Difícil é isso... Do outro lado a gente não sabe o que vai ser, ninguém sabe. Por isso muitos temem o novo. Eu, que não tenho medo de nada. Receio... Apenas receio, que lá não encontre pares como vcs, companheiros de uma vida inteira. Rica, *mais alegre que triste, mais corajosa que covarde, mais florida que árida*, mas intensa, completa, como a vida deve ser (<http://agnesamarantine.wordpress.com>, em 25/09/2009).

Quando adjetivos não antônimos são contrastados em construções *mais X que Y*, as duas propriedades descritas são compreendidas no contexto como estando em um tipo de contraste binário. Nesse contexto, o Y em *mais alegre que Y/ mais corajosa que Y/ mais florida que Y* pode ser ocupado por qualquer propriedade que seja considerada incoerente com a noção de *alegria/ coragem e estar florido*, respectivamente.

E a *Antonímia Transicional* indica um deslocamento de um estado, ação ou coisa para um estado, ação ou coisa oposta. As construções associadas a essa função requerem que se realize o contraste semanticamente entre os referentes que ocupam as posições X e Y, mas que não necessariamente representam *contrastos binários*. Ainda assim, antônimos *convencionais* frequentemente ocorrem nos tipos de construção abaixo:

**a) de X a Y**

(18)Quantas pessoas não passam pela nossa passageira vida?! São os transeuntes dos quais, na grande maioria das vezes, não nos apercebemos o quanto são importantes. Elas vêm e vão cotidianamente. *Do nascer ao morrer* da nossa existência estão, como que, a minimizar e engrandecer o que já somos. (*Correio da Tarde*, em 11/08/2009).

**b) tornando X em Y**

(19)A adoração com danças e arte é uma das estratégias dadas por Deus à Nação Jovem para falar ao seu coração sobre o imenso poder do

Amor de Cristo. Ele veio a este mundo para transformar sua realidade tornando a tristeza em alegria, a fraqueza em força e a morte em vida plena e realizada (<http://www.youtube.com/watch?v=IUc7e651Vt0>, em 06/06/2009).

**c) X em vez de Y**

(20) Muitos homens, por imposição da própria vida, *tiveram de ser duros quando queriam ser tolerantes; deixaram de ser meigos para não parecerem fracos, usaram a força por não terem argumentos convincentes. No fundo nunca foram maus, apenas direcionaram sua energia contida de forma inadequada.* Parecer forte quando se tem a sensação de fraqueza, engolir as lágrimas, lidar com o peso da responsabilidade de sustentar uma família, ainda que reúna muitas ou poucas condições; tudo isso, é bastante difícil para alguém. (*Correio da Tarde*, em 11/08/2009).

Enquanto as categorias acima são associadas a *frames* sintáticos específicos, alguns dos quais podem ser considerados construções de contraste, a função de antônimo mais frequente, de *antônimo auxiliar*, não está associada a *frames* léxico-sintáticos específicos. Nos *antônimos auxiliares*, o uso de um par de antônimos cria (ou enfatiza) um contraste envolvendo outros pares. Em (21), (22) e (23), o par de antônimos primários é apresentado em negrito, enquanto o par de antônimos secundário é apresentado em itálico.

(21) Cada um de nós constrói uma história ao lado dos pais. Daí, você pode **reter** as *coisas negativas* ou *valorizar* as *positivas*. (*Correio da Tarde*, em 11/08/2009).

(22) Será que em vez de estar multando estudantes (muitos trabalham durante o **dia** e *estudam à noite*) a Semob não poderia realizar uma ampla campanha na UnP? (*Tribuna do Norte*, 09/08/2009).

A *Antonímia Auxiliar* usualmente envolve membros de um par de antônimos em construções paralelas, cujo segundo par ocorre em posição paralela de contraste. Tal modalidade pode envolver outras *construções contrastivas*, tais como **X ou Y** em (21) e **X e Y**, em (22), mas isso não é regra. Assim, a *Antonímia Auxiliar* não está associada a *frames* específicos lexicalizados parcialmente, ainda que suas instâncias possam pertencer também a outras categorias de *antonímia* (*Negada*, *Coordenada*) e, assim, estarem associadas aos seus *frames*.



#### 4. Pares de antônimos como construções lexicais

Para considerarmos um par de antônimos como construção, esta deve envolver pares de palavras em oposição semântica binária associada convencionalmente por *parentesco semântico*. Exemplos de pares de *antônimos canônicos* incluem *preto/branco*; *cair/levantar*; *vivo/morto*, dentre outros. Nessa categoria, incluímos também palavras que não deveriam ser consideradas antônimas, mas que convencionalmente são organizadas em pares, como *cão/gato* e *sorrir/chorar*.

Há ricas evidências de que pares de antônimos canônicos estejam estreitamente relacionados em nossas mentes. Testes psicológicos, tais como associações de palavras livres, revelam que os membros desses pares tendem a deduzir o significado um do outro. Assim, as pessoas são mais rápidas em reconhecer oposições antonímicas canônicas (HERMANN et al., 1979; CHARLES et al., 1994), como as destacadas nos exemplos (23), (24) e (25).

(23)Dia dos Pais também é para isso. Para refletir um pouco acerca das coisas que nos fazem *bem* ou *mal*. Não se sabe apenas dar e receber presentes. (*Correio da Tarde*, em 11/08/2009).

(24)As nossas relações sempre são *pessoais* ou *impessoais*. Quando tidas diretamente são meios de alegrias e satisfações, tristezas e incompreensões, concórdia e paz, mentiras e injustiças, valores e amores, sofrimentos e covardias etc. Em meio ao vai e vem de cada tempo presente estão as escolhas que nos afinam com as várias propostas que nós, como sujeitos, oferecemos; e como objetos, recebemos. (*Correio da Tarde*, 11/08/2009).

(25)Se Wilma estiver determinada ao *tudo* ou *nada* – *ganhar* ou *perder* a eleição para o Senado, a reeleição de Micarla corre sérios riscos em 2012. (*Tribuna do Norte*, 09/08/2009).

Pode ser útil destacar construções que se ajustam a construções contrastivas específicas, tais como *gato por lebre* ou *da água para o vinho*, como em (26) e (27), respectivamente.

(26)A partir da experiência vivida – viu-se diante de *gato por lebre*, ou melhor: de príncipe por cinderela -, a jornalista Ticiane Azevedo queimou as pestanas com a amiga-jornalista Consuelo Dieguez e lançou o livro ‘Cuidado! Seu Príncipe Pode Ser uma Cinderela – Guia Prático para Identificar um Gay no Armário’ (*Tribuna do Norte*, em 10/06/2010)

(27) É comum ouvirmos de propostas vagas e evasivas para a educação, coisas genéricas demais para traduzirem algo concreto. Na verdade, para melhorar a educação é preciso um movimento muito forte em favor de uma transformação radical *da água para o vinho*. Segurar essa bandeira é comprometedor, e muitos candidatos vão preferir ficar nas propostas genéricas, abrangentes demais, pouco traduzíveis em prática. (*Diginet*, em 18/08/2008).

No exemplo (26), fica evidente que o contraste entre *gato e lebre* só é óbvio com referência ao sintagma específico (*expressão idiomática*). O par *água/vinho* pode ser usado em outras construções contrastivas como um tipo de dispositivo de humor, como indicado pelo exemplo (28):

(28) **Da água para o vinho.** No vinho (de qualidade para o consumo) não se deve botar água, gelo, açúcar ou qualquer outra substância que altere seu sabor original, salvo se o objetivo for uma sangria, um drinque ou coquetel a base de vinho. Do contrário dizem que é gafe. Mas a água (tomada nos intervalos de cada gole) para quem aprecia vinho, é um elemento indispensável. Tanto que recomendo aos garçons nas aulas que dou, que, ao trazer o vinho para o cliente, pergunte apenas se a água é com ou sem gás. Isso porque a meu ver água e vinho (cada um ao seu tempo) são indissociável durante a apreciação. (...) E assim, bebendo, apreciando ou degustando nossa vida vai de vento em popa como que se transformando da água para o vinho. (*Tribuna do Norte*, em 30/04/2010)

A ocorrência regular em construções de contraste leva os pares de palavras a serem acrescentados à categoria dos antônimos canônicos e o seu uso enquanto antônimo se amplia para além do contexto original em que foi encontrado. O emparelhamento de palavras polissêmicas pode fornecer outra peça da evidência de que palavras específicas podem ser emparelhadas como opostas. A antonímia é usualmente classificada como uma relação de sentido (LYONS, 1977), significando a relação de oposição entre os sentidos das palavras (mais do que entre as palavras em si). Assim, o par opositivo de *quente é frio* quando usado como um termo designador de temperatura, mas a oposição passa a ser *morno (a)* quando *quente* é usado para significar algo intenso. Todavia, quando um membro de um par canônico adquire um novo sentido, a oposição pode ser carregada para dentro do novo campo semântico, sugerindo que nós percebemos as palavras como relacionadas independentemente do sentido de oposição usual. Nesse sentido, por exemplo, *branco/negro, preto* são oposições enquanto cores extremas, mas quando uma delas é usada

para descrever algum outro estado, a outra ainda é avaliada como sua oposta mais adequada, o que se verifica em (29), (30), (31) e (32).

(29) **Tipos de feijão** - Como algum de vocês sabem, aqui no RJ nós comemos feijão *preto* (a maioria), e lá em SP, eles comem feijão *branco* (<http://forums.tibiabr.com/showthread.php?t=304691>).

(30) **Legalidade** - O mercado *branco* é o legal, submetido às normas administrativas, sanitárias, tributárias e civis pertinentes. O mercado *negro* é aquele que envolve bens cuja comercialização é proibida ou seriamente restringida pela legislação (<http://www.forumconspirataria.org>).

(31) **Etnia** - Pode ser novo, pode ser velho; pode *ser branco, negro* ou amarelo; pode ser rico ou pobre; Pode ser solteiro, casado, viúvo ou divorciado; Pode ser feliz ou infeliz; Pode estar aqui ou já ter ido embora; Pode ter tido filhos ou os adotado; Pode ter casa ou morar na rua; Pode usar terno ou tanga; Pode ser Deus ou humano; pode estar trabalhando ou desempregado; Pode ser tanta coisa ou simplesmente PAI. Mas todos, sem faltar um sequer fazer parte da Criação. Que não só hoje, mas em todos os dias desta vida possa ser lembrado como aquele que muitas vezes não dormiu, muitas vezes engoliu sapos, muitas vezes chorou escondido, muitas vezes gargalhou, muitas vezes perdeu a hora, mas nunca deixou de pensar na coisa mais importante da sua vida: NÓS! (*Tribuna do Norte*, em 08/08/2010).

(32) **Técnicas de testes de softwares** - A técnica de teste de caixa-cinza é um mesclado do uso das técnicas de caixa-preta e de caixa-branca. Isso envolve ter acesso a estruturas de dados e algoritmos do componente a fim de desenvolver os casos de teste, que são executados como na técnica da caixa-preta. manipular entradas de dados e formatar a saída não é considerado *caixa-cinza* pois a entrada e a saída estão claramente fora da caixa-preta (<http://www.testador.com.br>).

Em todos esses exemplos, o termo que primeiramente foi utilizado se encontra à esquerda. Por exemplo, *negro* era um termo de uso regular no sentido de etnia bem antes de *branco*. Poucos dos itens mencionados acima são literalmente *preto* ou *branco*. Pelo fato de terem sido rotulados como *preto ou negro*, nós podemos utilizar a sua oposição, *branco*, de forma produtiva, fundamentados no fato de o par de antônimos *preto/branco* ser bem conhecido de todos. Em alguns dos casos acima, a oposição é estabelecida a partir de uma transferência metafórica. Por exemplo, há mais razões semânticas para chamar certo tipo de teste *de caixa preta/branca* a partir da metáfora de uma escala de cores monocromáticas. Nesse caso, nós inventamos o termo *caixa cinza* (em 32). No entanto, o fenômeno não

se reduz ao relacionamento metafórico. O *Feijão branco* não é branco no sentido de cor<sup>2</sup>, por exemplo.

A proposta de que pares como *joio/trigo* e *branco/preto* sejam representados no léxico não é nova, mas o que é bastante diferente é propor o tratamento de pares de antônimos como palavras relacionadas sintagmaticamente. De acordo com Murphy (2006), abordagens como a *Teoria dos Campos Lexicais* (LEHER, 1974), ou redes lexicais como o WordNet (FELLBAUM, 1988), tratam antônimos como lexicalmente ligados uns aos outros numa relação paradigmática. Para a autora, esses modelos representam relações paradigmáticas (não apenas com a antonímia, mas também com a sinonímia, a hiponímia, dentre outros) de forma a representar parcialmente os significados das palavras envolvidas. Tendo em vista que tais modelos focalizam exclusivamente aspectos paradigmáticos e semânticos das relações, os aspectos sintagmáticos da antonímia, em especial, são negligenciados.

Nesse sentido, a *Gramática de Construção* fornece meios de se fazer a ponte entre o sintagmático e o paradigmático. Dessa forma, além de relações semânticas e oposições paradigmáticas na estrutura conceptual, propomos aqui que certas oposições sejam reforçadas pela frequência com que coocorrem e que, tais associações, acabem representadas no léxico mental de forma a explicar sua distribuição particular.

### 5. *A construção antonímica*

Embora a *Construção Antonímica* represente antônimos canônicos semanticamente incompatíveis, não é diretamente calculada das propriedades semânticas particulares dos termos. É claro, historicamente, esses pares se tornam lexicalizados como antônimos por se oporem em campos semânticos (pelo menos, em alguns de seus sentidos/usos), mas a construção de antônimos em si faz uso de duas palavras como um par de antônimos sem referência aos detalhes se-

---

2 O *feijão branco* parece muito amarelado, mas recebeu esse nome ao ser comparado com outros tipos de feijão, como o feijão preto ou carioca, que são bem mais escuros.

mânticos. Há vantagens em se tratar a antonímia desse jeito, em vez de derivar a relação de oposição de propriedades semânticas individuais de palavras dentro de uma construção de par de antônimos.

Representar o relacionamento particular entre os dois termos envolvidos no par ocasionaria representações de diferentes tipos de relacionamento semântico e encontramos poucas evidências de que esses tipos relacionais sejam relevantes para o uso de antônimos no discurso. É claro que os tipos de oposição que as palavras podem estabelecer dependem, em parte, dos significados dos termos. Por exemplo, as simples *oposições* devem conter no mínimo dois argumentos, enquanto as *contradições* devem denotar estados ou propriedades absolutos. Enquanto essas diferenças são relevantes para os tipos de inferências que surgem da oposição (e, por isso, devam ser representadas no nível conceptual), as distinções semânticas não são particularmente relevantes para emparelhar antônimos no discurso.

## 6. Conclusões

Os teóricos da *Gramática de Construções* enfatizam que uma abordagem verdadeira de uma gramática da linguagem deve dar conta de todos os tipos de construções, não apenas alguns tipos de estruturas nucleares. A teoria poderia ser estendida para dar conta de preferências por determinadas colocações de palavras específicas junto com outras quando não associadas a qualquer construção frasal particular. Pares de antônimos canônicos adaptam-se a essa abordagem, uma vez que representam associações de *forma/ significado*. A forma de uma construção antonímica é a de um par de palavras com categorias sintáticas e *frame* semântico correspondente e os seus significados garantem que os dois membros dos pares são incompatíveis e contrastivos.

Dessa forma, um par canônico de antônimos é uma construção lexical complexa consistindo de dois itens lexicais prontos para serem inseridos em construções. Por estarmos tratando pares de antônimos como construções, reconhecemos que os emparelhamentos são arbitrários e se ampliam – isto é, preferimos alguns pares de oposições a outros. Essa abordagem também envolve uma interseção de noções paradigmáticas e sintagmáticas, essencialmente tratando itens

na relação antonímica como itens lexicais descontínuos que são compatíveis com *slots* apropriados no constructo gramatical. Com essa perspectiva, a priori, seria possível tratar outros tipos de relações lexicais paradigmáticas, tais como hipônimos e sinônimos, embora haja muito menos evidências de que essas relações também revelem as mesmas propriedades sintagmáticas que identificamos na antonímia. Esses pares não parecem estabelecer relações dentro de unidades lexicais de forma-significado, mas sim, relações entre significado ou conceitos que representam. Apesar disso, poderia haver outros usos para construções paradigmáticas na Gramática de Construções, incluindo o tratamento do paralelismo, por exemplo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENOR, Sarah Bunin & Roger Levy. The chicken or the egg? A probabilistic analysis of English binomials. *Language* 82(2), p. 233-278, 2006.
- CHAFFIN, Roger & Douglas J. Herrmann. *The similarity and diversity of semantic relations. Memory and Cognition* 12, p. 134-151, 1984.
- CHARLES, Walter G. & George A. Miller. Contexts of antonymous adjectives. *Applied Psycholinguistics* 10, p. 357-375, 1989.
- CHARLES, Walter G., Marjorie A. Reed & Douglas Derryberry. Conceptual and associative processing in antonymy and synonymy. *Applied Psycholinguistics* 15, p. 329-354, 1994.
- CROFT, William. *Radical construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CRUSE, D. Alan. *Lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- DUQUE, Paulo H. & COSTA, Marcos A. *Linguística cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Rio Grande do Norte: EdUFRN (no prelo).

- FELLBAUM, Christiane. Co-occurrence and antonymy. *International Journal of Lexicography* 8, p. 281-303, 1995.
- FILLMORE, Charles & Paul Kay. *Construction Grammar*. Berkeley, Ms.: University of California, 1995.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a Construction Grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GROSS, Derek, Ute Fischer, & George A. Miller. The organization of adjectival meanings. *Journal of Memory and Language* 28, p.92-106, 1989.
- HENDRIKS, Petra. Coherence relations, ellipsis, and contrastive topics. *Journal of Semantics* 21, 133-153, 2004.
- HERRMANN, Douglas J., Roger J. S. Chaffin, Gina Conti, Donald Peters & Peter H. Robbins. Comprehension of antonymy and the generality of categorization models. *Journal of Experimental Psychology: Human Learning and Memory* 5, 585-597, 1979.
- JENKINS, James J.. The 1952 Minnesota word association norms. In Postman, Leo & Geoffrey Keppel (eds.) *Norms of word association*. New York: Academic Press, 1970, p. 1-38.
- JONES, Steven. *Antonymy: a corpus-based approach*. London: Routledge, 2002.
- JONES, Steven & M. Lynne Murphy. Using corpora to investigate antonym acquisition. *International Journal of Corpus Linguistics* 10, p. 401-422, 2005.
- KAY, Paul. Construction Grammar. In: VERSCHUEREN, Jef; JANOLA, Östman; Jan Blommaert (eds.) *Handbook of pragmatics*. Amsterdam: Benjamins, 1995, p. 171-177.
- KAY, Paul & Charles J. Fillmore. Grammatical constructions and linguistic generalizations: the What's X doing Y? construction. *Language*, 75, 1999, p. 1-33.
- LEHRER, Adrienne & Eva Feder Kittay (Eds.). *Frames, fields, and contrasts*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1974.

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, 2 vol.

MCDONALD, Janet L., Kathryn Bock; KELLY, Michael H. Word and world order: semantic, phonological and metrical determinants of serial position. *Cognitive Psychology*, 25, p.188-230, 1993.

MURPHY, Gregory L., & Jane M. Andrew. The conceptual basis of antonymy and synonymy in adjectives. *Journal of Memory and Language*, 32, p. 301-319, 1993.

MURPHY, M. Lynne. *Linguistic and conceptual information in Meaning-Text Theory: the case against some paradigmatic relations*. Proceedings of MTT-2003. Paris 16-18 June 2003. University of Paris, 2003a, p. 11-19.

MURPHY, M. Lynne. *Semantic relations and the lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003b.

MURPHY, M. Lynne. Antonyms as lexical constructions: or, why paradigmatic construction is not an oxymoron. *Constructions*, SV1 (8), p. 1-37, 2006.

TAMBA-MECZ, Irène. *A semântica*. São Paulo: Parábola, 2006.

WILLNERS, Caroline. *Antonyms in context*. Lund: Lund University, 2001.

WRIGHT, Sandra, Jennifer Hay & Tessa Bent. Ladies first? Phonology, frequency and the naming conspiracy. *Linguistics*, 43, p.531-561, 2005.